Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

GEOGRAFIA E LIBRAS: os desafios do processo de ensino e aprendizagem em Fortaleza/Ceará[1]

Francisco Elias da Silva Filho
filhoelias07@gmail.com

Professor graduado de Geografia da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC).

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1472-0311

Tereza Sandra Loiola Vasconcelos
tereza.vasconcelos@uece.br

Professora Doutora do curso de Geografia da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8266-3956

RESUMO

Este artigo discute sobre o processo de ensino e aprendizagem em Geografia para estudantes surdos e estudantes ouvintes da Escola Estadual de Educação Profissional Joaquim Nogueira, localizada em Fortaleza, estado do Ceará, refletindo sobre a importância da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) nessa escola de proposta inclusiva. Durante pesquisa de campo, realizamos entrevistas com o professor de Geografia, com uma intérprete de Libras, estudantes surdos e estudantes ouvintes, em que obtivemos os dados para discussão na pesquisa. Como resultados, percebemos a importância da Libras nas relações existentes em sala de aula. Além da importância dessa língua, os estudantes evidenciaram que as metodologias que valorizam recursos visuais contribuem significativamente para a construção do conhecimento geográfico.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino de Geografia, Libras, Estudantes ouvintes, Estudantes surdos, Recursos Visuais.

[1] Este artigo é resultado de monografia produzida no Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), intitulada como "Ensino de Geografia e LIBRAS: os desafios na Escola Estadual de Ensino Profissional Joaquim Nogueira (Fortaleza, CE)", de autoria do graduado Francisco Elias da Silva Filho, sob orientação da Professora Dr.ª Tereza Sandra Loiola Vasconcelos.

GEOGRAPHY AND LIBRAS:
the challenges of the process of teaching in Fortaleza/Ceará

ABSTRACT

This article discusses the process of teaching and learning Geography to deaf and to hearing students at Escola Estadual de Educação Profissional Joaquim Nogueira, located at Fortaleza, Ceara State, reflecting about the Brazilian sign language (LIBRAS) importance at this inclusive proposal school. During the field research, we interviewed the geography teacher, a Libras interpreter, deaf students and hearing students and we acquired data to the present research discussion. As result, we realized the Libras' importance on the relationships at classroom. Asides the importance of this language, students evidenced that methodologies that valorizes visual resources, significantly contributes to geographical knowledge construction.

KEYWORDS

Geography teaching, Libras, Hearing students, Deaf students, Visual Resources.

Introdução

A Educação é um direito fundamental de todos os cidadãos brasileiros, apesar de parte destes, muitas vezes, não terem acesso à Educação escolar. O processo de construção do conhecimento nos diferentes espaços escolares se apresenta como um desafio, tendo em vista, dentre vários fatores, as diferentes realidades presentes nesses espaços. Dentre tais realidades se encontra a Educação para pessoas surdas que é marcada por preconceitos, o que poderia instigar a sociedade refletir sobre suas práticas.

Durante séculos, a Educação para surdos foi marcada por barreiras, dentre as quais aquela de motivação linguística. No Brasil, as pessoas ouvintes aprendem a Língua Portuguesa e são educadas ao longo da Educação Básica de forma oral. Entretanto, as pessoas surdas, de acordo com a Lei de nº 10436, de 24 de abril de 2002, possuem a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como língua, sendo esta de natureza visual-motora. A partir disso, percebemos a existência de uma diferença linguística entre pessoas ouvintes e pessoas surdas.

Ao discutirmos sobre o processo de ensino e aprendizagem para estudantes surdos e estudantes ouvintes, percebemos que, além da diferença linguística, podemos encontrar outras diferenças presentes em sala de aula envolvendo os estudantes surdos, estudantes ouvintes, professor e o intérprete de Libras[2]. Esses desafios precisam ser

[2] Profissional tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, atuante na Educação de surdos.

enfrentados de forma que possibilitem uma construção do conhecimento de forma significativa para todos os envolvidos.

A fim de pesquisar sobre tais desafios presentes na Educação de surdos e ouvintes, escolhemos como recorte espacial de estudo a Escola Estadual de Educação Profissional Joaquim Nogueira, analisando o processo de ensino e aprendizagem nas aulas de Geografia na escola. Essa instituição foi fundada no dia 16 de março de 1967 e está localizada em Fortaleza-CE. Desde 2012, a escola passou a receber estudantes surdos, oportunizando-os uma Educação profissional integrada ao Ensino Médio, possibilitando a participação em cursos de formação técnica[3], como o curso de Instrução e Tradução de Libras. Pensando em recortes temporais, direcionamos nossa pesquisa para os anos de 2017, 2018 e 2019. A delimitação desses 03 (três) anos teve como objetivo possibilitar aos estudantes matriculados no 3º ano do Ensino Médio, em 2019, uma reflexão sobre suas trajetórias durante os 02 (dois) anos anteriores, quando cursaram o 1º e 2º ano.

Entendendo a dinamicidade que envolve o cotidiano escolar, o presente artigo tem como objetivo compreender os desafios presentes no processo de ensino e aprendizagem em Geografia para estudantes surdos e estudantes ouvintes da Escola Estadual de Educação Profissional Joaquim Nogueira, refletindo sobre a importância da Libras.

A vivência com a comunidade surda foi um fator de grande relevância que motivou a escolha dessa temática. Essa vivência se iniciou a partir da participação em cursos básicos de Libras, como no curso ofertado pelo Centro de Referência em Educação e Atendimento Especializado do Estado do Ceará (CREAECE), onde tivemos o contato com professores surdos; e no ofertado pela Universidade Federal do Ceará (UFC), onde tivemos o contato com os estudantes surdos do curso de licenciatura em Letras Libras.

A partir da relação com os professores surdos do CREAECE e os estudantes surdos da UFC, percebemos a oportunidade de contribuir com essa comunidade por meio da Geografia. No ano de 2019, buscamos na biblioteca da Universidade Estadual do Ceará (UECE) trabalhos sobre o ensino e aprendizagem em Geografia para estudantes surdos ou que fizessem relação da Libras com a Geografia, os quais não foram encontrados. A carência de tais trabalhos nos instigou discutir a respeito dessa temática, pois, por meio dessa discussão, poderíamos contribuir tanto para a visibilidade da comunidade surda,

[3] A EEEP Joaquim Nogueira, além do curso técnico de Instrução e Tradução de Libras, oferta cursos técnicos como o de Enfermagem, de Hospedagem, de Informática e de Segurança do Trabalho.

como para as pesquisas produzidas tanto pela UECE, como por outras universidades brasileiras.

Com pretensão de refletir sobre a dinâmica presente em uma sala de aula com estudantes ouvintes e estudantes surdos, nos questionamos: a universidade está preparando professores aptos para o ensino de estudantes surdos? Como acontece a relação entre o professor, a intérprete e os estudantes em sala de aula? Como acontecem as relações entre estudantes surdos e estudantes ouvintes? Como acontecem as relações dos estudantes com a intérprete? Quais possibilidades metodológicas podem contribuir para o ensino e aprendizagem em Geografia para estudantes surdos e estudantes ouvintes?

Diante de tais questionamentos, na procura pela obtenção de dados a serem discutidos na pesquisa, durante o ano de 2019 realizamos 08 (oito) visitas de campo à EEEP Joaquim Nogueira, que nos possibilitaram conhecer o corpo gestor, docente, discente e outros profissionais participantes da sua dinâmica escolar.

Na busca por discutir a pesquisa sob diferentes prismas, contamos com a participação do professor de Geografia[4] e de uma intérprete de Libras[5] da escola, além de uma parcela de 26 (vinte e seis)[6] estudantes surdos e estudantes ouvintes das turmas de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio, matriculados no curso de Instrução e Tradução de LIBRAS. Todos os envolvidos autorizaram suas participações na pesquisa por meio da assinatura de um termo de consentimento[7].

No primeiro momento, realizamos entrevistas estruturadas[8] direcionadas às experiências profissionais do professor de Geografia e da intérprete de Libras e às experiências de aprendizagem de 02 (dois) estudantes do 3º ano do Ensino Médio, 01 (um) surdo de 19 anos de idade e 01 (uma) ouvinte de 17 anos de idade, nas aulas de Geografia. No segundo momento, utilizamos um questionário com perguntas fechadas e abertas, em que houve a participação de todos os 26 (vinte e seis) estudantes e o auxílio da intérprete na interpretação das perguntas da Língua Portuguesa para Libras. As

[4] O docente é graduado em licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e pós-graduado em Educação de Jovens e Adultos (EJA).

[5]A intérprete é graduada em Pedagogia e pós-graduada em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

[6] As idades dos estudantes, segundo os dados fornecidos em 2019, eram de 14 (quatorze) anos a 23 (vinte e três) anos.

[7] A autorização para o uso dos dados fornecidos pelos participantes foi obtida mediante assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Em relação aos participantes menores de 18 anos de idade, solicitamos a autorização aos responsáveis.

[8] Nas entrevistas com os participantes ouvintes, utilizamos um gravador de áudio para registro. Já na entrevista com o participante surdo, que se comunicava pela LIBRAS, fizemos o registro por meio de vídeo. A entrevista passou por um processo tradução para o português realizado pelo autor da pesquisa, juntamente com a colaboração de Marina Figueiredo de Souza, usuária da LIBRAS e graduada em licenciatura em Letras LIBRAS pela UFC.

identidades dos participantes não foram expostas e, no decorrer da pesquisa, optamos pela continuidade do uso das nomenclaturas de "professor", "intérprete", "estudante ouvinte" e "estudante surdo" ao nos referirmos a estas pessoas durante as discussões.

Portanto, por meio dos diálogos desenvolvidos com os estudantes, com o professor de Geografia e uma das intérpretes de Libras da escola para a elaboração deste artigo, pudemos refletir acerca das relações presentes em sala de aula e sobre algumas possibilidades metodológicas de ensino. Entretanto, não esgotamos essa abrangente discussão apenas nesse trabalho, abrindo caminho para pesquisas posteriores.

O ensino de Geografia na sala de aula com estudantes surdos e estudantes ouvintes

A sala de aula é um ambiente muito heterogêneo, cheio de diferenças. Dentre as diversas diferenças, podemos destacar a da comunicação. Os estudantes com surdez, por exemplo, possuem uma forma de comunicação, por meio da Libras, diferente dos estudantes ouvintes, que se comunicam pela Língua Portuguesa. Ensinar Geografia em uma sala de aula com um público cheio de especificidades se torna um desafio àqueles que estão envolvidos na aula. Nesse âmbito, como construir conhecimento geográfico significativo, que abranja e respeite as diferenças, tanto para estudantes surdos, como para estudantes ouvintes?

Ao se tratar sobre o ensino de Geografia para estudantes surdos, a falta de comunicação se torna uma barreira entre o professor e o estudante, como destacam Menezes e Nascimento (2011, p. 322):

> Na sala de aula, ensinando a disciplina de Geografia com e para Surdos (as) a comunicação é mediada pelo Português e a Libras e, em grande medida, os usuários (as), professor (a) e aluno (o), não compartilham o mesmo significado linguístico, dificultando a compreensão de conceitos [...]

Diante dessa barreira de comunicação, percebemos que os professores não estão, muitas vezes, preparados para lidarem com essa realidade escolar específica. Muitos destes professores não tiveram uma formação específica na área da Educação de surdos durante a graduação e ainda enfrentam precárias condições de trabalho que interferem nas possibilidades de uma formação continuada. Diante disso, percebemos que uma das alternativas que contribuiria para a reversão desse problema poderia partir da Secretaria de Educação do Estado, por meio da oferta de cursos de formação

continuada na área de Educação de surdos e oferecimento de condições que possibilitem aos professores que já atuam na área manterem suas formações contínuas.

A dificuldade na comunicação contribui para que o professor não tenha uma relação com os estudantes e, portanto, não os conheça. Nesse contexto, Cavalcanti (2017) expõe que o domínio da ciência geográfica é importante para o professor, mas não é o suficiente, pois como afirmam Landim Neto e Barbosa (2010) é preciso apreender a realidade dos estudantes e ser um agente que possa contribuir para a transformação da realidade destes.

Ao levarmos em consideração a existência de relações em sala de aula, o professor de Geografia e os estudantes participantes da pesquisa foram perguntados sobre como acontece tais relações nos momentos de aulas. O professor abordou como os estudantes se relacionam entre si ao relatar que: "[...] nos últimos anos, né, eu tô aqui há três anos, a relação deles é muito boa [...]". Já a estudante ouvinte afirmou que sua relação com o professor "[...] é uma relação boa, razoável". Enquanto isso, o estudante surdo não considerou essa relação razoável, pois relata que: "[...] eu tento ter uma relação, mas ele é ouvinte e eu sou surdo, há um bloqueio na comunicação. O intérprete que torna possível essa relação com o professor".

De acordo com Silva e Scabello (2016), um dos papeis do professor é de mediar alguns processos, mas que na Educação de surdos o desconhecimento da Libras impossibilita que esse papel se realize. Frente à essa barreira na comunicação, se faz necessário um corpo docente que possua habilidades específicas para ensinar esse público, como, por exemplo, saber a Libras. Sobre a importância dessa língua, os estudantes afirmaram que:

> [...] a Libras é importante na Educação de surdos, [...] é importante que tenha professor bilíngue [...] quando o professor tem fluência é bom, tem alguns que não são tão fluentes e tem uns que são bem fluentes [...] Deveria ter professor bilíngue [...] por exemplo, o professor de matemática, ele é bilíngue [...] se o professor sabe Libras, ótimo, se não sabe, fica difícil (ESTUDANTE SURDO, tradução nossa)

> [...] a gente como ouvinte, né... a gente tem nossa forma de comunicação, né, a gente é o português, daí nos surdos é da mesma coisa porque eu quando não sabia Libras, né, é... eu não sabia que a Libras existia, que a Libras tem uma gramática, ela tem uma estrutura, então o surdo utiliza dela, então com certeza é de extrema importância pro surdo. (ESTUDANTE OUVINTE)

Ao analisarmos os depoimentos dos estudantes, percebemos a imprescindibilidade de que a Libras esteja presente na formação de professores, a fim de melhor prepará-los para essas situações. Os estudantes surdos da escola foram

questionados sobre a preparação dos professores para lidar com tal realidade. As concepções destes sobre a preparação de seus professores podem ser analisadas na Tabela 1.

Tabela 1 – Os professores da sua escola estão preparados para ensinar o estudante surdo?

Respostas dos participantes	Quantidade de participantes
Sim, todos os professores	2
Apenas alguns professores	12
Nenhum professor	0
Total:	**14**

Fonte: Silva Filho (2019).

No decorrer da pesquisa, dialogamos com o professor de Geografia sobre se a universidade lhe preparou profissionalmente para tal realidade. O professor da escola expõe:

> É... a minha formação acadêmica da [Universidade Federal do Ceará], na minha concepção, [...] a UFC [...] nunca preparou professor. Ela prepara pesquisadores. Eu acho que você sai da UFC ou da Universidade Estadual do Ceará apto, perfeito para atuar no mercado de trabalho, como pesquisador, né? [...] Na minha concepção, a universidade não prepara você nem a ser professor, o professor ele vai se formar professor apto, licenciado, apto a ser professor e ele vai aprender o que é ser professor na escola, na vivência de sala de aula. Então ela não prepara nem o professor de fato, quiçá à essas deficiências diferentes, [...] A universidade não prepara pra isso [acréscimos nossos] (PROFESSOR).

O relato do professor nos mostra que mudanças nas matrizes curriculares dos cursos de licenciaturas são realmente necessárias, mas que além dessas mudanças, o professor, após a graduação, se mantenha obstinado em sua formação continuada, principalmente aquele que pretende atuar na Educação de estudantes com deficiência, a fim de se capacitar para essa realidade. As reformulações precisam propiciar uma maior relação entre a teoria e a prática da docência para que o professor saia da universidade com as mínimas condições de lidar com as diferentes realidades escolares, inclusive as de estudantes com deficiências, mas que a sua formação não se limite ao que aprendeu na graduação e seja contínua.

Ao longo da pesquisa, o professor também foi questionado sobre a experiência de ensinar estudantes surdos e estudantes ouvintes. Ao tratar sobre isso, afirma não ver

diferença entre os estudantes e faz uma exposição sobre sua metodologia utilizada em sala de aula:

> Eu não vejo tanta diferença, né? Entendo a deficiência deles, né? O grande problema deles é a base conteudista do passado [...]. Assim, é... eu não gosto, até conversei ontem com os colegas aqui na escola, eu preparo a minha aula, eu tenho todas as turmas da escola, o 1º, 2º e 3º, e aí eu não gosto de *Datashow* [...] A metodologia é extremamente tradicional, livro, pincel, quadro (PROFESSOR).

Ao analisarmos o diálogo do professor, percebemos que ele apresenta sua metodologia como "tradicional". Tendo em vista o público para o qual esse professor leciona, é preferível a utilização de metodologias que vão ao encontro das especificidades dos estudantes presentes em sala de aula, o que significaria uma mudança que, muitas vezes, os professores sentem dificuldades em fazer. Castellar (2015, p. 23) sobre essa resistência, nos diz: "[...] pois mudar significa rever posturas diante do mundo e as relações sociais existentes, o que muitas vezes gera mal-estar".

Ao tentar atender as especificidades dos estudantes surdos, por exemplo, se faz necessária a presença de intérpretes de Libras para a interpretação da fala do professor. Para que isso aconteça de forma significativa, é preciso uma relação entre o intérprete e o professor. É preciso que ambos dialoguem e organizem um planejamento. Sobre essa relação, o professor e a intérprete relatam que:

> [...] nossa relação muito boa. Eles [os intérpretes], antes de começar cada aula, independente de quem vai me acompanhar chega para mim, [...] 'que é a aula hoje?'. É meio que pra começar organizar mentalmente como é que vai ser aquilo. Na semana do planejamento já me perguntam, o que vai ser visto essa semana ne? [...] 99% das vezes que eu elaboro prova eu chamo o intérprete que me acompanha com a turma e mostro a prova pra ele [...]. Então, a gente tem um *tete a tete* muito bom [acréscimos nossos] (PROFESSOR).

> Muitas vezes, a sala de aula, assim, as disciplinas antes deles [os professores] lecionar em sala aula eu pergunto 'professor, que conteúdo você vai passar pros meninos?' 'vai ser o que?'. É... muitas vezes a gente senta quando a gente tem tempo, né?! Porque, às vezes, é muito corrido e eu dou uma olhada. Eu pesquiso na *internet* [...] tranquila nossa relação [acréscimos nossos] (INTÉRPRETE).

Mesmo havendo um diálogo e um prévio planejamento com o professor sobre a aula que será ministrada, existe uma dificuldade em relação a conceitos na Geografia que ainda não possuem um sinal[9] em Libras. Isso não acontece somente na aula de

[9] Uma palavra da língua portuguesa é tida como sinal feito com as mãos na Libras. A falta de um sinal para um determinado conceito da Geografia não é motivada por uma limitação na língua, mas é resultado da proibição do uso da língua pelos surdos ao longo da história, o que prejudicou a sua disseminação.

Geografia, mas em também outras disciplinas. Em relação a essa dificuldade, a intérprete expõe que:

> [...] muitas vezes na língua de sinais não tem sinal convencionado, né, da própria disciplina. Na sala de aula juntamente com os alunos e se o professor usar recursos visuais aos alunos vão perceber qual conceito daquele assunto e nessa ligação eles convencionam o sinal, mas tem momentos sim que eu sinto dificuldade por conta dessa problemática de que não tem sinal específico (INTÉRPRETE).

Percebemos o quanto é importante a presença do intérprete em sala de aula, pois sem ele ocorre um prejuízo no processo de aprendizagem dos estudantes. Sob o olhar do estudante podemos entender a importância do intérprete de Libras em sala de aula:

> [...] o intérprete é muito importante, porque ele repassa o que o professor fala de forma adaptada. Isso é importante para o entendimento. O intérprete precisa ter ética e responsabilidade, mas se tirar o intérprete dificultaria. Então, é melhor que tenha a presença do intérprete, possibilitando um entendimento mais claro. Quando tivermos dúvida levantarmos a mão e dar opinião, também fazer debate. Por outro lado, se o professor for bilíngue, ótimo, o entendimento fica mais claro (ESTUDANTE SURDO, tradução nossa).

O professor de Geografia e a intérprete de Libras necessitam atuar em colaboração para que a construção do conhecimento geográfico envolva a realidade dos estudantes. Como destaca Castellar (2015) é preciso trabalhar os conteúdos de Geografia de modo que os estudantes consigam relacioná-los com suas práticas cotidianas.

Com objetivo de saber como a Geografia está sendo discutida em sala de aula, dialogamos com os 02 (dois) estudantes que participaram da entrevista sobre o que seria Geografia para eles. O estudante surdo afirmou que a Geografia é estudar os "[...] mapas para identificar os países, as Américas, Europa, Ásia". Já a estudante ouvinte expôs: "então né... Geografia... disciplina em si é bem ampla, daí mas... realmente não sei... pois é... apesar da pergunta ser simples, mas a gente com certeza utiliza a Geografia no dia-a-dia".

Nesse caso específico, a partir das falas dos estudantes, percebemos, primeiramente, que o estudante surdo possui uma concepção sobre a Geografia de uma forma fragmentada e sem relação com o seu cotidiano. Em segundo, percebemos que a estudante ouvinte sente dificuldade em responder o que seria Geografia. Sobre o ensino de Geografia, Cavalcanti (2010, p. 7) nos expõe que:

> [...] ensinar Geografia não é ensinar um conjunto de conteúdos e temas, mas é, antes de tudo, ensinar um modo específico de pensar, de perceber a realidade. Trata-se de ensinar um modo de pensar geográfico, um olhar geográfico, um raciocínio geográfico.

Como mostra a autora, a construção do conhecimento geográfico necessita proporcionar aos estudantes a capacidade de fazer uma análise geográfica por meio de um olhar espacial. Segundo Callai (2005), esse olhar contribui para que os estudantes compreendam as dinâmicas sociais e como ocorrem as relações entre a sociedade e o espaço.

Nessa construção do conhecimento geográfico, o professor necessita lançar mão de estratégias de ensino para que os estudantes aprendam Geografia de forma interessante e que levem em consideração a realidade dos educandos que compõem sala de aula.

Ao identificar as especificidades dos estudantes surdos e estudantes ouvintes da EEEP Joaquim Nogueira, se faz necessário a utilização de possibilidades que, principalmente, façam o uso do sentido da visão. Nesse sentido, percebemos a importância de estratégias, principalmente, as relacionadas aos recursos visuais, que podem contribuir para a construção do conhecimento geográfico de forma significativa.

Metodologias para o ensino e aprendizagem em Geografia para estudantes surdos e estudantes ouvintes

Atualmente, a sociedade convive com a constante presença da tecnologia. Esta pode contribuir para que o processo de ensino e aprendizagem em Geografia se torne mais significativo. Landim Neto e Barbosa (2010, p. 171) propõem que:

> Diante [...] a falta de interesse dos estudantes pela aula de Geografia, propõem-se algumas metodologias que podem tornar a Geografia escolar mais significativa para os estudantes. Para tanto, os professores podem lançar mão de diversas linguagens para trabalhar os conteúdos geográficos. Na escolha dessas linguagens, os professores devem considerar que os educandos estão inseridos numa sociedade mergulhada nas tecnologias da informação e comunicação (TICs).

Ao se ensinar Geografia como é proposto pelos autores, percebemos a importância da utilização de linguagens alternativas que desenvolvam nos estudantes um maior interesse pela Geografia e um melhor aprendizado.

A aula de Geografia, com conteúdos fragmentados e apresentados apenas de forma expositiva, por vezes, se torna desinteressante para os estudantes que ouvem, mais

ainda para os estudantes que não ouvem, gerando dificuldades no processo de aprendizagem, contribuindo para um atraso escolar. Sobre essa dificuldade na aprendizagem, Menezes e Nascimento (2011, p. 322) destacam que:

> [...] é comum encontrarmos em sala de aula, alunos (as) surdos (as) que não têm proficiência na Língua Portuguesa, fato que ocasiona dificuldade na compreensão dos conceitos geográficos, que na maioria das vezes exigem um maior nível de abstração.

Ao refletirmos sobre o interesse dos estudantes pela Geografia, perguntamos aos estudantes da escola se gostavam de Geografia. Do total de 26 (vinte e seis) estudantes, 9 (nove) disseram sim; 4 (quatro) disseram não; e 13 (treze) não conseguiram afirmar se gostavam ou não de Geografia. Com a utilização de algumas metodologias, contribuindo para que a aula de Geografia se torne mais interessante, os estudantes poderiam desenvolver um maior apreço por essa ciência.

Mediante os desafios que estão presentes na sala de aula com estudantes surdos e estudantes ouvintes, Fonseca e Torres (2014) destacam que é necessário a presença de recursos didáticos que minimizem as dificuldades do processo de ensino e aprendizagem. Os autores ressaltam que tais recursos didáticos, como, por exemplo, os visuais, não contribuem apenas para o aprendizado dos estudantes surdos, mas também para o dos estudantes ouvintes.

Os estudantes podem perceber o espaço geográfico por seus diversos sentidos. Os ouvintes, por exemplo, possuem a audição que lhes proporciona ouvir os sons no espaço geográfico. Entretanto, os surdos, devido a especificidade da surdez, desenvolvem as suas percepções sobre o espaço geográfico, prioritariamente, pela visão, ou seja, "O surdo precisa ver para aprender [...]" (SANTOS e NUNES, 2011, p. 119).

O uso de linguagens alternativas pode contribuir significativamente para a aprendizagem desses estudantes. Desse modo, Landim Neto e Barbosa (2010, p. 172, acréscimos dos autores) destacam que:

> Diversos recursos podem ser utilizados para ajudar na aprendizagem. Dentre estas, podemos citar o uso da linguagem gráfica (gráficos, tabelas, croquis), linguagem cinematográfica; linguagem cartográfica, [...] jogos pedagógicos, análise e interpretação da paisagem de forma indireta através de gravuras, fotografias, telas. O uso adequado desses recursos favorece uma melhor compreensão dos conteúdos geográficos.

O professor, ao utilizar a fotografia como um recurso metodológico, poderá proporcionar aos estudantes reflexões sobre as mudanças que ocorrem no espaço

geográfico e como essas transformações originam as paisagens que são construídas ao longo do tempo. Abaixo (Figura 1), podemos visualizar um pouco da estrutura da Praça do Ferreira, localizada em Fortaleza-CE, em 1920.



Figura 1: Praça do Ferreira, em Fortaleza-CE, 1920
Fonte: TRIBUNA DO CEARÁ. Fortaleza de volta para o presente. 2013. Disponível em: <https://tribunadoceara.com.br/especiais/fortaleza-antes-e-depois/zona-2.php>. Acesso em: 28 mar. 2020

Por meio de uma fotografia (Figura 2) do ano de 2013, percebemos que a sociedade modificou o espaço da Praça do Ferreira, alterando a sua estrutura urbana, como a reforma do calçamento da praça, construção de novos edifícios, de lojas e a implantação da "coluna da hora", hoje localizada no centro da praça.



Figura 2: Praça do Ferreira, em Fortaleza-CE, 2013.
Fonte: TRIBUNA DO CEARÁ. Fortaleza de volta para o presente. 2013. Disponível em: <https://tribunadoceara.com.br/especiais/fortaleza-antes-e-depois/zona-2.php>. Acesso em: 28 mar. 2020

Ao refletirmos sobre essas fotografias, percebemos que estas dão ao professor de Geografia a possibilidade de discussão sobre conteúdos relacionados a Geografia Urbana presentes no livro didático. A partir da utilização de imagens como estas, o professor pode fazer com que esses estudantes se percebam como agentes que fazem parte de uma sociedade transformadora do espaço.

Em relação a utilização de recursos visuais na aula de Geografia, questionamos aos 26 (vinte e seis) estudantes se tais recursos contribuiriam para a compreensão dos conteúdos nas aulas de Geografia. As considerações, como podemos observar na Tabela 2, foram positivas por parte de quase todos os estudantes.

Tabela 2 – A utilização de recursos visuais na aula de Geografia ajudaria na compreensão dos conteúdos?

Respostas dos participantes	**Quantidade de participantes**
Sim	25
Não	1
Total:	**26**

Fonte: Silva Filho (2019).

Tais considerações indicam a importância dos recursos visuais. Nesse momento, também constatamos que os recursos não ajudariam apenas os estudantes surdos, mas também contribuiriam significativamente para o ensino dos estudantes ouvintes, tendo em vista que apenas 1 (um) dos estudantes[10] afirmou que os recursos não ajudariam.

Os estudantes que participaram da entrevista também expuseram a importância de metodologias com recursos visuais na aula de Geografia ao afirmarem que:

> Sim, com certeza, né? Porque eu acho que em todas as disciplinas, Geografia em relação aos mapas, mostrar a cada lugar [...] não *slides* só com textos. Com imagens, imagens mesmo que a gente assimilasse melhor o conteúdo (ESTUDANTE OUVINTE).
>
> Sim, é importante o professor de Geografia na sua aula utilizar imagens para que os surdos presentes em sala possam perceber e entender de forma clara, pois o visual facilita, mas é importante o professor organizar estratégias de ensino que estimulem a percepção dos estudantes surdos (ESTUDANTE SURDO, tradução nossa).

[10] O único estudante que disse "não" foi 01 (um) dos estudantes surdos.

Ao levarmos em consideração a necessidade de recursos visuais na aula de Geografia, o professor "[...] precisa desenvolver metodologias para que os alunos tenham a possibilidade de raciocinar uma análise espacial, a partir do uso e da produção das linguagens - principalmente no que tange aos produtos cartográficos" (RICHTER; MARIN; DECANINI, 2010, p. 167).

Dentre as linguagens que podem contribuir para que o processo de ensino e aprendizagem em Geografia se torne mais significativo, podemos destacar também a linguagem cartográfica, com a utilização do mapa como recurso metodológico. Nesse processo, Menezes e Nascimento (2011, p. 324) mostram que:

> A leitura do espaço a partir do mapa possibilita ao Surdo (a) uma compreensão imediata da organização do espaço no qual está inserido. A familiaridade no uso de uma língua visual dotada de simbologia não verbal, no caso, a Libras, permite ao aluno reconhecer nas convenções cartográficas o espaço na sua concretude.

Assim, Richter, Marin e Decanini (2010) concordam que um dos principais conceitos da Geografia é o espaço geográfico e, ao se utilizar o mapa como recurso metodológico, os estudantes poderão compreender os elementos que o estruturam e o constituem.

Na pesquisa, dialogamos com os estudantes sobre a frequência em que o professor de Geografia utilizava mapas em suas aulas. As considerações dos estudantes estão apresentadas na Tabela 3:

Tabela 3 – Mapas e outros recursos metodológicos de imagem na aula de Geografia

Respostas dos participantes	**Quantidade de participantes**
Sempre são utilizados	1
São muito utilizados	3
São pouco utilizados	16
Nunca são utilizados	6
Total:	**26**

Fonte: Silva Filho (2019).

De acordo com as considerações dos estudantes, percebemos que os mapas não são muito utilizados nas aulas de Geografia, confirmando a fala do professor anteriormente, quando expôs ter uma metodologia "tradicional", utilizando apenas livro, pincel e quadro.

No processo de ensino e aprendizagem em Geografia, é necessário que haja uma construção do conhecimento geográfico com a participação do professor e dos estudantes. Um exemplo de produção do conhecimento por parte dos estudantes pode ser observado por meio da construção de mapas mentais, em que os estudantes podem demonstrar as suas percepções sobre o espaço geográfico em desenho. Cavalcanti (2010, p. 8), mostra que os mapas mentais possuem grande importância entre as metodologias para o ensino de Geografia ao afirmar que:

> Destacam-se, nesse sentido, os mapas mentais, como construções simbólicas, imersas em ambientes sociais, espaciais e históricos que referenciam elaborações singulares. Os mapas mentais ou desenhos são mais "livres": sem preocupação com a correspondência objetiva com o que é representado, não obedecem a regras cartográficas, embora possam ser utilizados para desenvolvê-las.

A partir da análise das imagens abaixo (Figuras 3 e 4), podemos compreender como os mapas mentais podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem em Geografia. As 02 (duas) figuras apresentam travessias geográficas elaboradas por estudantes de 9º ano[11], que tiveram a oportunidade de desenharem o caminho que percorriam diariamente de casa para a escola.

[11] Essa atividade foi desenvolvida na EEFM Maria da Conceição Porfírio Teles, em Fortaleza-CE, durante a disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia I, do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), no segundo semestre do ano de 2018.

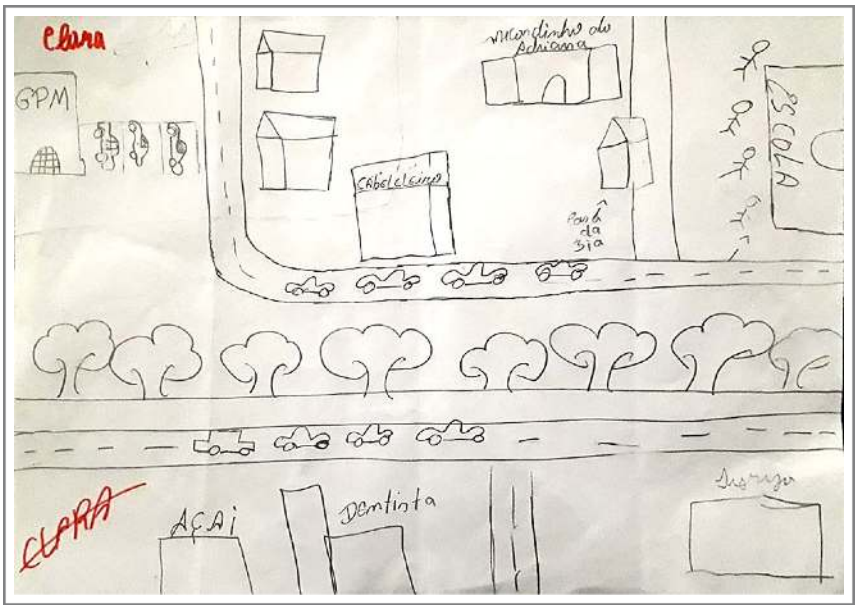

Figura 3: Travessia geográfica
Fonte: Elaborado por C. L. R. de S., 2018.

A primeira travessia (Figura 3) nos mostra um maior detalhamento do que a segunda travessia (Figura 4). Com isso, destacamos que ambos os estudantes, mesmo residindo no mesmo bairro, por meio de suas travessias, evidenciam as suas diferentes formas de perceber o espaço geográfico.



Figura 4: Travessia geográfica
Fonte: Elaborado por A. S. de S., 2018.

Com base nessas figuras o professor de Geografia pode fazer relação com alguns conteúdos do livro didático, como com os conceitos de paisagem, urbanização, cartografia, entre outros. Essa atividade também proporciona ao professor conhecer um pouco da realidade dos seus estudantes, contribuindo para que a construção do conhecimento geográfico aconteça relacionado com essas realidades, assim, possibilitando um aprendizado mais significativo aos estudantes.

Portanto, percebemos que as metodologias que fazem a utilização de mapas cartográficos e mapas mentais são importantes para a aula de Geografia, como destacam Santos e Nunes (2011, p. 120, acréscimos dos autores):

> [...] parece-nos fundamental à Geografia escolar, inclusive considerando as dificuldades do aluno surdo, a valorização e utilização de imagens (mapas, fotografias aéreas, imagens de satélite, desenhos, fotografias, pinturas, cinema e televisão) em seu processo de ensino/aprendizagem.

Ao considerar o que é proposto pelos autores, percebemos que os estudantes também podem aprender por meio de pinturas, fazendo a interdisciplinaridade com a arte; por meio do cinema, com filmes que abordem temáticas que envolvam os conhecimentos geográficos; e por meio da televisão, com a discussão sobre atualidades, debatendo sobre as notícias que os estudantes assistem em seu cotidiano.

Fonseca e Torres (2014), também elencam diferentes recursos que podem contribuir no processo de ensino e aprendizagem em Geografia. Logo abaixo (Figura 5), podemos identificar os recursos indicados pelos autores e os respectivos conteúdos que poderiam ser discutidos com o auxílio desses recursos.

Recursos	**Conteúdos**
Charges, tiras e quadrinhos	Poluição, política, entre outros.
Globo terrestre	Orientação e localização, coordenadas geográficas, os movimentos da terra, entre outros.
Gráficos e tabelas	Dados estatísticos e explicativos relacionados a Geografia.
Jornais e revistas	Análise de notícias relacionadas aos fenômenos naturais e sociais.
Maquetes	Geografia urbana, geomorfologia, hidrologia, entre outros.
Música	Migração, globalização, meio ambiente, entre outros.

Figura 5: Recursos didáticos para a aula de Geografia.
Fonte: Silva Filho (2019).

Diante das estratégias metodológicas apresentadas, percebemos que as linguagens que valorizam o visual são importantes no ensino de Geografia, tanto para surdos, como para ouvintes, mas precisamos ter atenção. Novaes (2017) nos alerta para que não façamos uma dicotomia entre o visual e o verbal, pois não podemos chegar ao ponto de utilizar apenas imagens e esquecer os textos. O visual e o verbal podem ser utilizados de forma conectada. O estudante surdo entrevistado na escola comenta sobre a importância dessa relação ao relatar que: "[...] deveria ter estratégias que utilizem imagens, [...] por exemplo, quando utilizar um texto, colocar uma imagem conectada abaixo, assim eu conseguiria entender".

Portanto, após tais reflexões, compreendemos que o enfrentamento de desafios existentes no processo de ensino e aprendizagem por parte dos estudantes surdos e estudantes ouvintes os acompanharão ao longo de suas trajetórias. Posteriormente à conclusão do Ensino Médio, por exemplo, ao prosseguirem no ensino superior, esses estudantes encontrarão desafios que demandarão estratégias para uma significativa construção do conhecimento.

Considerações finais

A pesquisa apresentou-se como um grande desafio, pois além de fazermos uma discussão envolvendo a Geografia, adentramos na área da Educação de surdos, nos provocando a refletir sobre a Libras, uma língua diferente da língua portuguesa.

De início, a dificuldade de encontrar referenciais bibliográficos que relacionassem a Geografia com a Educação de surdos e a barreira da diferença linguística criaram dúvidas sobre a viabilidade dessa pesquisa, entretanto a justificativa de contribuir para a Geografia e a comunidade surda nos impulsionou a enfrentar esse desafio e ir a campo para a obtenção dos dados que foram discutidos no desenvolvimento do trabalho.

No intuito de responder as questões elencadas, os resultados da pesquisa nos mostram que o processo de formação de professores precisa ser revisto pelas universidades a fim de melhor preparar o docente para diferentes realidades escolares, como a de escolas que envolvem estudantes surdos e estudantes ouvintes em seu processo educacional.

No que concerne as relações entre o professor de Geografia, os estudantes e a intérprete da escola, percebemos uma boa relação. De acordo com os relatos dos estudantes ouvintes e estudantes surdos entrevistados, percebemos que a Libras se

mostrou essencial, pois, sem essa língua, as relações em sala de aula eram dificultadas. Em relação as estratégias metodológicas, a partir das entrevistas e questionário aplicado, percebemos que os recursos visuais como charges, tirinhas, quadrinhos, gráficos, tabelas, entre outros podem contribuir significativamente para a construção do conhecimento geográfico, por meio dos raciocínios espaciais, tanto para os estudantes surdos, como para os estudantes ouvintes.

Portanto, as discussões desenvolvidas durante essa pesquisa podem contribuir para estudos sobre o processo de ensino e aprendizagem em Geografia, colaborando como fonte de estudo sobre a atuação do professor de Geografia em sala de aula com estudantes surdos e estudantes ouvintes. Além disso, o trabalho pode contribuir para as discussões do âmbito universitário sobre a importância da Libras na formação de professores e na Educação de surdos.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Lei n. 10436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais: Libras e dá outras providências. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 13 mar. 2020.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o Mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 28 abr. 2020.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Os lugares da escola na sociedade e os processos de ensino e aprendizagem. In: CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; IDMÉIA, Semeghini-Siqueira (Orgs.). **Da educação infantil ao ensino fundamental:** formação docente, inovação e aprendizagem significativa. São Paulo: CENGAGE Learning, 2015, p. 1-30.

CAVALCANTI, Lana de Souza. O trabalho do professor de Geografia e tensões entre demandas da formação e do cotidiano escolar. In: ASCENÇÃO Valéria de Oliveira Roque; VALADÃO, Roberto Célio; GAUDIO, Rogata Soares Del; SOUZA, Carla Juscélia de Oliveira (Orgs.). **Conhecimentos da Geografia:** percursos de formação docente e práticas na educação básica. Belo Horizonte: IGC, 2017, p. 100-123.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO: PERSPECTIVAS ATUAIS, 1., Belo Horizonte, 2010. **Anais...** Belo Horizonte, 2010.

FONSECA, Ricardo Lopes; TORRES, Eloiza Cristiane. Adaptações na prática do ensino de Geografia para alunos surdos. **Geografia** (Londrina), v. 23, n. 2, p. 5-25, jul/dez, 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/14353/16849>. Acesso em: 2 mar. 2020

LANDIM NETO, Francisco Otávio; BARBOSA, Maria Edivani Silva. O ensino se Geografia na Educação Básica: uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na Geografia escolar. **Geosaberes**, v. 1, n. 2, p. 160-179, dez. 2010.

MENEZES, Ana Maria Barbosa de; NASCIMENTO, Clesley Maria Tavares do. Linguagem Cartográfica no Ensino de Surdos: compreendendo o Espaço Geográfico. In: GOMES, Gerarda

Neiva Cardins; NASCIMENTO, Juliana de Brito Marques do (Orgs.). **Experiências Exitosas em Educação Bilíngue para Surdos**. Fortaleza: SEDUC, 2011, p. 321-326.

NOVAES, André Reyes. O verbal, o visual e a Geografia. In: ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira Roque; VALADÃO, Roberto Célio; GAUDIO, Rogata Soares Del; SOUZA, Carla Juscélia de Oliveira (Orgs). **Conhecimentos da Geografia:** percursos de formação docente e práticas na educação básica. Belo Horizonte: IGC, 2017, p. 143-163.

RICHTER, Denis; MARIN, Fátima Aparecida Dias Gomes; DECANINI, Mônica Modesta Santos. Ensino de Geografia, espaço e linguagem cartográfica. **Mercator,** v. 9, n. 20, p. 163-178, 2010.

SANTOS, Jonatas Rodrigues dos; NUNES, Flaviana Gasparotti. O aluno surdo na aula de Geografia: alguns elementos para a reflexão sobre a inclusão. In: NUNES, Flaviana Gasparotti (Org.). **Ensino de Geografia:** novos olhares e práticas. Dourados. MS: UFGD, 2011, p. 101-127.

SILVA FILHO, Francisco Elias da**. Ensino de Geografia e Libras:** os desafios na Escola Estadual de Ensino Profissional Joaquim Nogueira (Fortaleza, CE). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Geografia) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.

SILVA, Juliana de Sousa; SCABELLO, Andrea Lourdes Monteiro. O ensino de Geografia e os desafios na educação de surdos. In: SCABELLO, Andrea Lourdes Monteiro; SILVA, Cleonice Carvalho; ANDRADE, Maria do Socorro P. Sousa; ARAÚJO, Raimundo Lenilde de (Orgs.). **Geografia em debate.** Teresina: EDUFI, 2016, p. 305-326.

TRIBUNA DO CEARÁ. Fortaleza de volta para o presente. Fortaleza, 2013. Disponível em: <http://tribunadoceara.uol.com.br/especiais/fortaleza-antes-e-depois/zona-2.php>. Acesso em: 28 de mar. 2020

Recebido em 05 de maio de 2021.

Aceito para publicação em 10 de outubro de 2021.